

## **PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO AO ALUNO SURDO EM CLASSE INCLUSIVA: ENFOQUE NA COMUNICAÇÃO.**

Kate Mamhy Oliveira, Claudia Regina Mosca Giroto, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins. – Educação – Pedagogia – Departamento de Educação Especial – Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Campus de Marília.

A partir da proposta de Educação para Todos, a Educação Inclusiva, prevê o ensino ministrado no sistema comum de educação a todas as crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais.

Assim, a escola deve acolher crianças com deficiências e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de populações distantes ou nômades, crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças oriundas de grupos ou zonas desfavorecidos ou marginalizados. (Mazzotta, 2000)

Para a concretização de uma pedagogia que realmente privilegie a diversidade, não é suficiente, segundo Braga (2002), colocar as crianças juntas a fim de desencadear-se imitação e interação entre elas.

Em concordância, Custódio (2002) argumenta que apenas inserir o aluno deficiente na classe comum não garante que ele se integre de fato ao grupo, visto que pode estar sendo excluído tanto no interior da classe, quanto na comunidade a qual pertence.

Neste trabalho entende-se que a escola deve proporcionar ao aluno com necessidades educacionais especiais, nesse caso especificamente aos surdos, oportunidades para que vá além do simples compartilhar um lugar no interior das classes regulares. Não apenas a instituição escolar, mas também os professores devem adequar-se com atividades que promovam, por meio das relações sociais, a inclusão.

Desse modo, a escola deve ser acolhedora à diversidade de alunos oferecendo condições físicas e afetivas adequadas. Por sua vez, o professor deve identificar, planejar e desenvolver adaptações curriculares necessárias que permitam à criança significar e ser significada como sujeito do processo de aprendizagem (Braga, 2002)

Por tanto, não basta instituir que a educação deve ser destinada a todos, há que se promover instrumentos que viabilizem a efetivação da tão sonhada educação inclusiva.

Buscando atender as exigências de uma inclusão escolar que trabalhe e considere a heterogeneidade, nos detemos especificamente na situação dos surdos que freqüentam a classe inclusiva. Percebemos que a aproximação lingüística, entre ele e os demais ouvintes, pode ser prejudicada pelas dificuldades que emergem entre esses indivíduos ao se comunicarem. Muitas vezes o aluno surdo deixa de fazer parte das situações interlocutivas, seja em LIBRAS<sup>1</sup>, seja por meio da oralidade, ou porque ele próprio não busca tal interlocução, ou porque seus colegas a evitam. Essa situação pode ser agravada se houver uma negligência, mesmo que inconsciente, por parte do professor que não proporciona situações de trocas interlocutivas no interior da classe inclusiva. Negligência essa que pode estar ligada à ausência de conhecimento em como contemplar e valorizar situações de comunicação do aluno surdo com seus pares e com o professor.

Os obstáculos da comunicação oral reforçam, muitas vezes, o insucesso escolar do aluno surdo frente a sua dificuldade em participar e interagir por meio de metodologias escolares freqüentemente incoerentes com as suas habilidades auditivas. O surdo acaba sendo rotulado, muitas vezes equivocadamente, não somente portador de distúrbios da comunicação oral, mas de aprendizagem também. Isso porque a escola que deveria se apresentar como espaço acolhedor, que se preocupa com a diversidade e com a garantia de acesso e permanência desses alunos, acaba, nesse sentido, por segregá-los ainda mais ao agravar e salientar diferenças que muitas vezes não decorrem diretamente da deficiência em si, mas das condições em que a mesma é considerada.

Considerando que, por meio da linguagem, o sujeito se apropria de conhecimentos valorizados culturalmente, ou seja, dos conhecimentos cotidianos e científicos (sendo a responsabilidade por esses últimos freqüentemente atribuída à escola), facilmente compreenderemos que o surdo enfrentará

---

<sup>1</sup> Língua de Sinais Brasileira

grandes problemas, visto que a comunicação ainda é considerada o maior obstáculo para a inclusão social, educacional e familiar (Souza, 1996).

Assim, com base em tais idéias, este estudo, em andamento, se propõe problematizar o acolhimento, por parte de alunos ouvintes, a alunos surdos que freqüentam classe inclusiva de educação infantil e ensino fundamental, a partir das situações interlocutivas, entre eles, deflagradas por meio de atividades lúdicas destinadas à: favorecer as trocas comunicativas entre o aluno surdo, com os alunos ouvintes e com o professor, seja por meio da LIBRAS e/ou da modalidade oral da linguagem; orientar sobre as condições favoráveis que um ambiente deve ter para que processos de atenção, de audição e de manutenção de interesse possam ser otimizados; orientar como criar condições para garantir um maior controle de ruídos em geral e orientar sobre o uso adequado da voz.

Participam desse projeto crianças ouvintes e surdas matriculadas em classes inclusivas de quatorze escolas da rede Estadual e Municipal do Ensino de Marília, sendo seis escolas de educação infantil e oito escolas de ensino fundamental.

Para o desenvolvimento deste trabalho têm sido realizadas observações em sala de aula e coleta de relatos verbais das crianças ouvintes pré e pós-atividades.

As observações realizadas em sala de aula, que contemplam o período pré e pós-atividades lúdicas, são registradas em um diário/caderno de campo, por meio de registro cursivo e de protocolo de observação, onde constam: a descrição das atividades; a solicitação, por parte dos membros do grupo, para a participação das crianças ouvintes na atividade; a solicitação, por parte da criança surda, para participar da atividade e a intervenção do professor na aproximação da criança com o grupo.

Os relatos verbais (conversa espontânea) têm sido, em tais atividades, por meio de anotações das falas das crianças participantes.

A partir dos dados da observação são propostas atividades lúdicas com todos os alunos, que enfatizam situações em que eles precisam se comunicar: “telefone sem fio”, “história contada em LIBRAS”, “ditado mudo”, etc.

Para melhor exemplificar tais atividades, a seguir será descrita a do “telefone sem fio”:

Objetivo: Levar as crianças ouvintes a perceberem as dificuldades da criança surda com a discriminação auditiva: a interferência da competição sonora (ruído de fundo); a extensão do enunciado; o posicionamento durante a fala; entre outros aspectos.

Materiais: Algodão, fita crepe e/ou durex colorido, aparelho de som e CD infantil. Uma frase com sentido literal (redundante). Exemplo: “Hoje está muito calor dentro da sala de aula!”

Desenvolvimento: As crianças são dispostas em círculo, sentadas em cadeiras. Ao fundo haverá ruído de competição sonora (CD infantil tocando). Com a autorização prévia dos pais ou dos responsáveis, as crianças terão o conduto auditivo externo vedado por algodão e por fita crepe (ou durex colorido). Em seguida, é apresentado para uma das crianças o enunciado, por exemplo: “Hoje está muito calor dentro da sala de aula.”. A criança que recebeu o enunciado deve repassá-lo ao colega ao lado, sussurrando e assim, sucessivamente. Ao final é solicitada a última criança que repita, em voz alta, o que entendeu para comparar com o que foi falado anteriormente.

Após a atividade do telefone sem fio, procuramos chamar a atenção das crianças ouvintes para a semelhança vivenciada pelo aluno surdo no ambiente escolar comparando à competição sonora (CD infantil e outras manifestações sonoras que ocorrem na sala de aula). Relativo à perda auditiva, buscamos retratá-la através da vedação das orelhas das crianças. Este último, almeja demonstrar que mesmo quando a criança é protetizada, o aparelho auxilia mas, na maioria das vezes, não capacita a audição perfeitamente como a dos demais ouvintes. Assim retratamos que a mensagem chega até o surdo, quase que como a frase sussurrada na brincadeira.

A atividade do telefone sem fio, bem como as outras atividades têm favorecido a conscientização, por parte dos alunos ouvintes, de que podem utilizar outras formas de comunicação com o aluno surdo, em detrimento da ênfase apenas na oralidade.

Quanto ao aluno surdo, têm sido possível observar a sua maior participação em situações interativas em sala de aula, além de maior intenção comunicativa com os demais colegas.

Os resultados que temos obtido demonstram que a linguagem, explorada em suas diversas modalidades, pode se converter em uma forma de trabalho conjunto no que se refere à atribuição de sentidos ao que é falado, escrito e/ou sinalizado.

## **Referências Bibliográficas**

BRAGA, M. C. B. **A interação professor-aluno em classe inclusiva: Um estudo exploratório com criança autista.** 2002. Tese de Mestrado em Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

CUSTÓDIO, V.S. **Atividades Lúdicas como elemento facilitador para inclusão do deficiente auditivo na classe comum.** 2002. Tese de Mestrado em Educação – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2002

MAZZOTTA, M. J. da S. Escola inclusiva – uma escola para todos. In: **V Seminário Nacional do INES.** Rio de Janeiro: INES, set. 2000. Anais...

SOUZA, M.R. **Que palavra que te falta? O que o surdo e a sua língua(gem) de sinais têm a dizer à lingüística e à educação.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1996.